

## ARTE & EMPRESAS

# PLMJ Todas as expressões artísticas numa coleção

O lema "uma sociedade de advogados como um espaço cultural" já reuniu um acervo de **mais de mil peças**

"Dream in progress". É assim que Luís Sáragga Leal, sócio fundador da sociedade de advogados PLMJ e presidente da Fundação PLMJ, define a coleção que começou a criar em 1999. Nesse ano, o velho escritório da sociedade na Rua Silva Carvalho, em Lisboa, foi substituído pelo nº 224 da Avenida da Liberdade, onde ainda se encontra, ocupando todo o edifício. "Foi o momento em que pensei que finalmente realizar o sonho de poder instalar no escritório uma coleção de arte, que seria mais ou menos uma réplica do modelo que gostamos de ter em casa, ou seja, viver e trabalhar com arte", lembra o advogado.

Entre os sócios, começava a discutir-se a forma de celebrar a mudança de instalações, reflexo de um grande salto qualitativo da sociedade. "Falou-se em jantares de gala, os melómanos propunham uma recita de ópera, etc., etc. Enfim, consegui convencê-los que com o mesmo custo fazia um investimento que não fosse efêmero e com esse orçamento transformei croquetes em arte duradoura!" As comemorações duraram três meses e traduziram-se numa exposição de mais de 150 obras de arte cedidas por galerias e artistas com quem Sáragga Leal mantinha relações próximas. O compromisso era só um: no final da mostra a PLMJ compraria 40 peças, que constituiriam o acervo inicial da coleção. "Instituí ainda que todos os visitantes dessa exposição votariam nas obras que deveríamos escolher para adquirirmos, o que respeitei com algumas batatas pelo meio..."

O sucesso da mostra foi de tal ordem que teve como resultado levar um grande número de advogados a interessarem-se por arte e a passarem a discuti-la. Essa

abertura de espírito e esse entusiasmo foi aproveitado pelo advogado para conseguir que a sociedade decidisse criar uma dotação anual para manter e alargar a coleção. Nasceu assim, em 2002, o projeto da Fundação PLMJ, hoje com 11 anos de idade. "Se há projeto que tem o apoio de toda a gente aqui dentro e que nunca levantou polémica, é este", acrescenta Sáragga Leal.

Nos primeiros anos, o acervo tomou forma assente nas disciplinas da pintura e do desenho e da escultura. Eram áreas artísticas que o advogado conhecia bem e para as quais "já tinha um olhar formado". Mais apelativas

**O objetivo não é o investimento mas a valorização financeira das obras é um estímulo para a sociedade**

do ponto de vista estético e cromático, foram as obras de nomes como Pedro Casqueiro, José Pedro Croft, João Pedro Vale, João Queiroz, Ana Jotta, ou Pedro Cabrita Reis, as que começaram por se instalar nas salas de reuniões, nas zonas comuns, nos gabinetes dos sócios, e, a pouco e pouco, nos escritórios dos advogados. Hoje os 350 funcionários da PLMJ têm a possibilidade de requisitar uma obra de arte para o seu espaço de trabalho e para a substituir quando quiserem, criando uma dinâmica cultural e artística fora do comum. De resto, o lema da sociedade sempre foi: "PLMJ uma sociedade de advogados como um espaço cultural".

"No entanto, a determinada altura, uns críticos amigos meus põem-me um novo desafio. Ques-

tionam-me porque é que só coleção pintura e escultura e chamam-me a atenção para a fotografia. A nossa coleção de fotografia surgiu assim e como pioneira. Não havia galerias de fotografia, nem ela era exibida em museus... Meti mãos à obra." E comprou tudo o que quase tudo o que era "produção nacional de qualidade": da geração do pós-guerra, Fernando Lemos, Victor Palla, Gérard Castello-Lopes, Carlos Calvet, a geração que nasce nos anos 80, Paulo Nozolino, Augusto Alves da Silva, Helena de Almeida ou Daniel Blaufuks. O passo seguinte foi a inclusão na coleção de obras em suporte vídeo. Hoje o resultado são 700 obras de fotografia ("comprar essas obras foi um apaixonante exercício de pesca à linha em que discutia cada aquisição com os próprios fotógrafos"), 100 trabalhos de vídeo, 300 obras de pintura e desenho e cerca de 70 peças escultóricas.

Com o espaço expositivo temporariamente encerrado, a coleção da PLMJ continua a produzir mostras em núcleos museológicos como o Museu de Serralves, no Porto, o Museu da Cidade, o Cinema São Jorge, o Museu Vieira da Silva, em Lisboa, ou o Centro de Artes Visuais — Cave, em Coimbra. E as suas obras são assiduamente cedidas para exposições dentro e fora do país, mantendo a mesma orientação de sempre: ser uma coleção transversal a todas as formas de expressão artística, balizada por um arco temporal que vai dos anos 80 à atualidade, tendo um carácter antológico no sentido de ser o mais ampla possível ao nível da produção nacional, e apostando na divulgação dos artistas que a compõem.

ALEXANDRA CARITA  
economia@expresso.imprensa.pt



## Abertura à CPLP

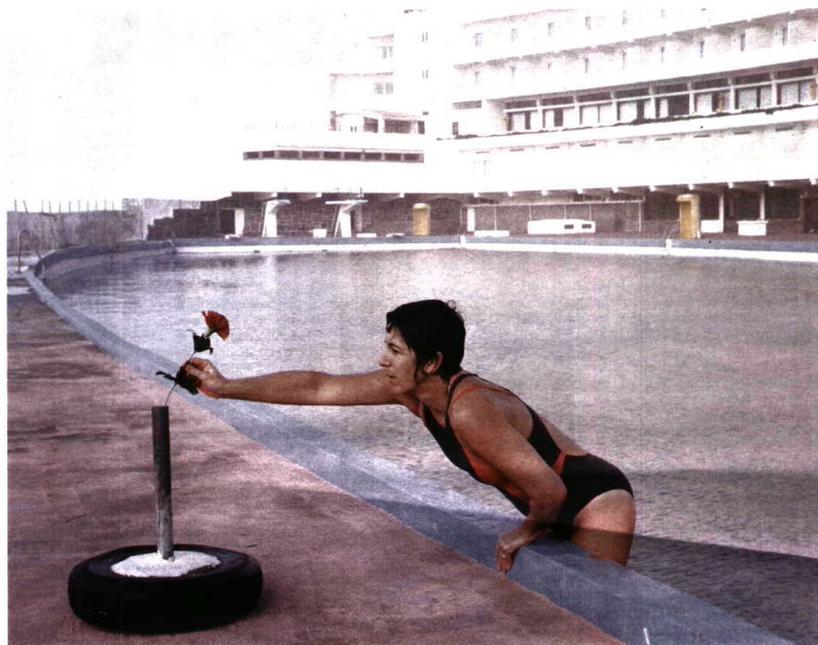


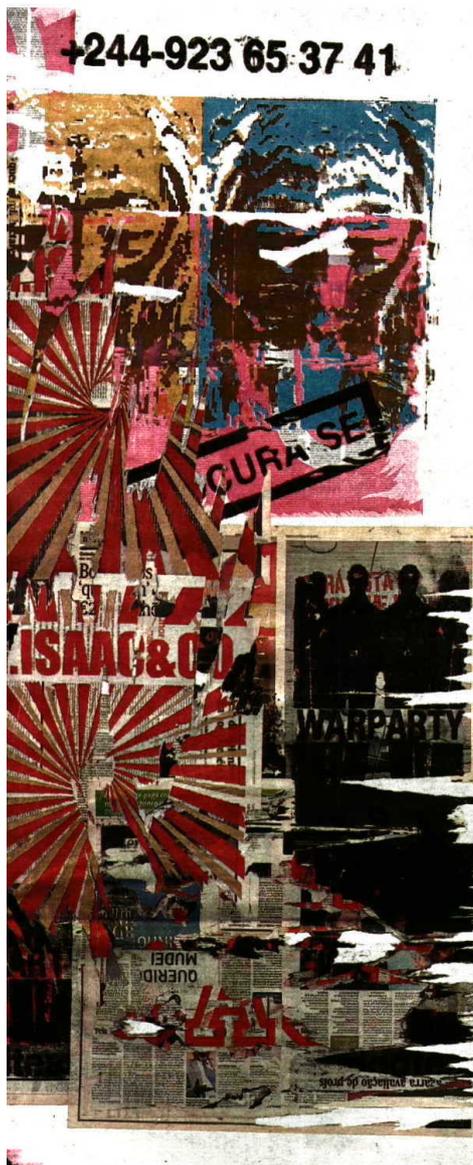
### Primeiro passo

"ESTUDO SEM TÍTULO #" PEDRO CALAPEZ A obra, acrílica sobre papel, é datada de 2010, mas simboliza ainda o início da coleção, altura em que a pintura e o desenho eram as expressões artísticas mais fortes do acervo e serviam para decorar gabinetes e salas de reuniões

### Desafio

"HOTEL DA PRAIA GRANDE" ÂNGELA FERREIRA A fotografia foi o grande desafio que a coleção da PLMJ agarrou ao longo dos últimos 15 anos. Esta prova em jato de tinta produzida em 2003 faz parte de um acervo de 700 obras de artistas nacionais





+244-923 65 37 41

"CALL ME..." **YONAMINE** A obra do artista angolano, hoje um dos nomes charmeira da arte africana contemporânea, marca o início do mais novo desafio da coleção: criar um núcleo de arte produzida nos países da CPLP. A opção acompanha a internacionalização da PLMJ



## Partilha

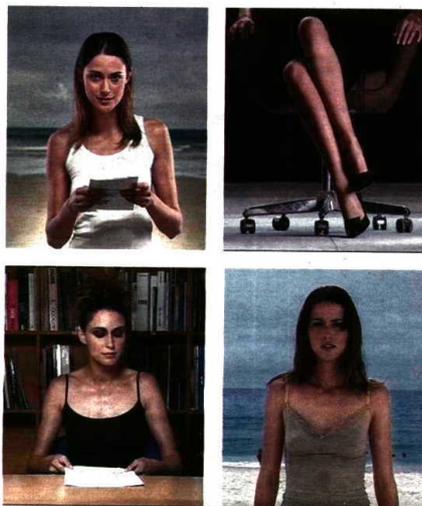
"SOU COMO TU" **RUI CHAFES** A escultura em ferro com quase seis metros de altura foi uma encomenda da Fundação ao artista no âmbito das comemorações dos 40 anos da PLMJ e logo depois doada à cidade de Lisboa. Situada na Avenida da Liberdade, mesmo em frente ao edifício sede da sociedade, é um dos grandes orgulhos do "maior e mais bem-sucedido grupo de advogados" e um exemplo do cumprimento de um desiderato da sociedade: partilhar o mais possível o seu património com a comunidade



PERFIL

## Luís Sáragga Leal

Ainda estudante de Direito na Universidade de Lisboa, não conseguia sair da faculdade sem descer a Alameda, virar à direita para ir espreitar a então ainda Livraria 111, que expunha arte. "Lembro-me de uma exposição fabulosa do neorrealista Júlio Pomar, que me marcou imenso". Isto em Portugal. Porque lá fora todas as suas viagens incluíam visitas obrigatórias a museus e galerias. Para não entrar em clichés, fala de um dos museus da sua juventude, o Louisiana Museum, nos arredores de Copenhaga, que descobriu quando andava à boleia por essa Europa fora. Nos EUA, não esquece o Getty Museum, à saída de Los Angeles em direção a São Francisco: "Paul Getty, um multimilionário com uma coleção fabulosa, tinha concebido uma casa para perpetuar o seu acervo depois da sua morte!" Mas não só. Começou a colecionar arte com 20 anos, "com limitações financeiras", ainda coleciona e "agora outra vez com limitações financeiras", e explica: "Quando estamos expostos à cultura, passamos a ser culturalmente dependentes. Se não consumo, sinto a falta dela". É por isso que "não consigo imaginar visitar uma cidade sem ir ver os seus museus, não vou a uma grande urbe sem assistir a uma ópera. Não me interessam os restaurantes nem tirar fotografias ao lado dos monumentos como postais para mais tarde recordar. As cidades vivem dos momentos culturais que nos proporcionam". Nada disto é um estado de espírito. Tudo é uma paixão. "Quando decidi aceitar o desafio de integrar a fotografia na coleção da Fundação sabia muito pouco sobre a matéria. Comecei por assinar todas as revistas, por ir a todas as feiras de arte da especialidade, e por estudar fotografia mesmo. Tirei um curso na Gulbenkian. Apaixonei-me perdidamente". Foi durante o curso que conheceu Miguel Amado, o curador da Fundação PLMJ. Pediu-lhe de início que organizasse um livro sobre as obras de fotografia do acervo ("Extensão do Olhar", Assírio & Alvim, 2004), e acabou por convidá-lo a dividir o trabalho relacionado com as aquisições. "Na última fase, as aquisições já são feitas por nós dois. A coleção começou a ter uma dinâmica, uma dimensão e uma visibilidade tais, que achei que essa responsabilidade acrescida me colocava na obrigação de abandonar o projeto egocêntrico do Luís Sáragga, devendo transformar-se num projeto mais institucional apoiado por um curador independente". Neste momento a levar por diante uma vontade de sempre, aposta no projeto "Opções Futuras", que através de dez exposições está a pôr no mapa artistas emergentes, muitos dos quais ainda fora dos circuitos da arte.



## Videoarte

"LACAN'S ASSUMPTION" **JULIÃO SARMENTO** O suporte vídeo é hoje também um ponto forte do acervo da sociedade de advogados. Esta obra do artista português multifacetado é um dos ex-libris desse núcleo. São pouco mais de 12 minutos que põem em destaque a relação da mulher com o seu corpo, com o sexo e com os homens



## Lugar aos novos

"DNA" **JORGE DIAS** O trabalho *sui generis* deste moçambicano nascido em 1972 faz parte da estratégia de aquisições da Fundação neste momento. O projeto "Opções Futuras" — uma expressão importante do direito financeiro e que por isso faz a ponte com a atividade da sociedade — tem vindo a pôr no mapa artistas emergentes, muitos dos quais ainda fora dos circuitos da arte